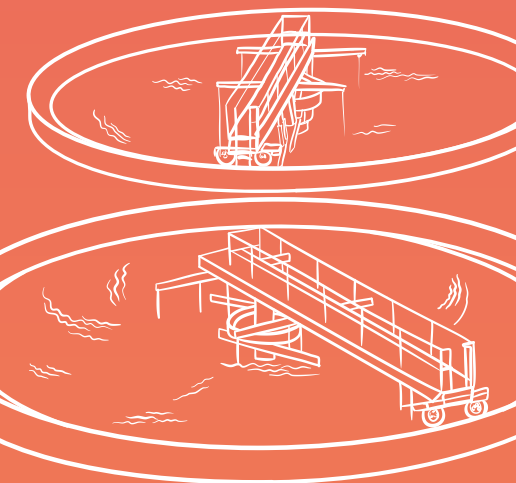




Neuri Freitas

Presidente da Aesbe e da Cagece



Eficiência: a sobrevivência das companhias de saneamento

As companhias de saneamento exercem atribuições essenciais na saúde pública e na preservação do meio ambiente, mesmo sem o apoio e incentivo dos poderes Executivo e Legislativo federal, como nos casos da Reforma Tributária e da Lei da Tarifa Social. Após o novo marco legal de 2020, contudo, a crescente pressão por eficiência operacional e a necessidade de reduzir custos para atingir as metas de universalização, otimizar os serviços prestados e mitigar aumentos tarifários impulsionam a transformação do setor.

Quando se reporta a eficiência, não se está limitado, apenas, à gestão de recursos financeiros, mas também a um conjunto diversificado de estratégias que promovam a sustentabilidade no extenso prazo. Nesta linha, é essencial que as companhias de saneamento básico trabalhem com vistas a garantir uma nova matriz energética, com custos mais baixos e menos geração de gases de efeito estufa.

Ademais, é também fundamental que o setor avance em outros pontos estratégicos, especialmente ante a situação de mudança climática, como a diversificação da matriz hídrica e novas fontes de abastecimento de água para os setores agrícola e industrial, de maneira que não provoque a concorrência com a água disponível em rios e reservatórios e que, por sua vez, esse recurso deva ser priorizado para o consumo humano. Evidentemente, divisa-se um tema fundamental para melhorar a qualidade da água dos rios e barragens e que, hoje, está além da competência das companhias de saneamento – mas precisa ser resolvido pelo Estado brasileiro – configurado na coleta e tratamento pleno dos esgotos, na adequada gestão dos resíduos sólidos e na drenagem urbana.

Ainda quando se reflete sobre a atual matriz hídrica utilizada pela maioria das companhias de saneamento básico no país, é urgente e inevitável evidenciar que o setor

necessita avançar com o intento de implantar opções para superar as perdas de água, aliás, um tema operacional que precisa ser cuidado franca e abertamente na discussão em torno da eficiência das companhias de saneamento básico. Sob tal aspecto, também, é importante que haja no Brasil o balanço hídrico do setor pertinente em cada unidade federada. Impõe-se conceder respostas a indagações como estas: qual o volume de água utilizado e quanto se perde, por exemplo, na agricultura e na indústria? O quanto há de prejuízo com fraudes – utilização da água sem outorga? E com a evaporação? É necessário, pois, ir além das perdas no setor de saneamento.

São, também, de peculiar importância a ativação e o faturamento das ligações ociosas de água e esgoto em toda a rede disponível, bem assim, a implementação de mais negócios, produtos e soluções inovadoras dentro dos processos das empresas.

Obviamente, o setor possui inúmeras frentes que necessitam de atenção na demanda pela eficiência dos serviços prestados. Entre elas, nos pontos relacionados aos custos, uma vez que implicam diretamente no potencial das companhias, no que concerne à aquisição e ao emprego de produtos químicos para tratamento, compra de tubulações, o fortalecimento dos modelos de contratos de *performance* com fornecedores, o planejamento tributário, a melhoria de governança, o cuidado com os riscos, as conformidades e outros aspectos. Neste artigo, reflete-se um pouco sobre matérias

É essencial que as companhias de saneamento básico trabalhem com vistas a garantir uma nova matriz energética, com custos mais baixos e menos geração de gases de efeito estufa

relacionadas às seguintes situações: transição energética, redução de perdas, diversificação da matriz hídrica, novos negócios, soluções inovadoras e – ponto que se considera indescartável – ativação e faturamento das ligações ociosas.

Os custos de energia

Como é bem conhecida essa verdade, a energia elétrica está entre os três principais custos operacionais das companhias de saneamento. A adoção de uma matriz energética, baseada em fontes renováveis, é a alternativa para reduzir significativamente os custos e incluir, no processo, um insumo com baixa emissão de dióxido de carbono equivalente (CO₂e). Em expressas circunstâncias, contratações de fornecedores, parcerias público-privadas (PPPs) e sociedades de propósito específico (SPEs) conformam-se como modelagens viáveis para acessar energia renovável no mercado livre deste

produto ou mesmo investir em tecnologias sustentáveis – como painéis solares, aerogeradores e biomassa. Assim, é possível obter redução de custos e contribuir positivamente para o clima da Terra. Experiências no setor já demonstram – consoante sucede na Companhia de Água e Esgoto do Ceará (Cagece) – que o custo com energia elétrica está reduzido, em média, cerca de 20% com as medidas há pouco mencionadas.

Outro fenômeno muito importante, não apenas para a melhoria dos resultados das empresas, como também para otimizar o uso dos recursos hídricos e melhor conviver com as situações críticas de escassez já anunciadas, encontra-se na redução de perdas de água. É fato que as companhias precisam trabalhar intensamente as diminuições dos índices de perdas de água, pois reverberam em gastos desnecessários com energia elétrica (bombeamento da água), produtos químicos (tratamento da água) e água bruta dos mananciais, (na última situação, em especial, válido para as empresas que pagam pela água bruta captada, como a Cagece, por exemplo).

À guisa de complemento, evidencia-se que a eficiência na distribuição de água, com menor incidência de perdas, tem impacto direto no aumento do faturamento e na arrecadação das companhias, praticando maior oferta de água para regiões com alta demanda de consumo ou mesmo com a redução de fraudes (furtos de água) nas redes de distribuição. Tomando por base os números do Sistema Nacio-

nal de Informações em Saneamento Básico (Sinisa) 2021, a média de água tratada perdida no Brasil é de 40,25%. No Nordeste, esse percentual é ainda maior, pois contabiliza 46,10% do volume distribuído para a população.

A eficiência no uso da água é essencial e envolve a necessidade de reduzir tanto as perdas reais, causadas por vazamentos na rede de distribuição de água, como os danos comerciais, procedentes de fraudes na rede e *submedições* nos hidrômetros. Relativamente aos prejuízos comerciais, especialmente relacionados a fraudes, cabe destacar que o impacto maior para as empresas de saneamento está relacionado ao faturamento e não ao desperdício, pois a água é consumida pela população, mesmo que por meio de práticas irregulares.

Estratégias como a setorização das redes de abastecimento, renovação de ativos, redução de pressões e a utilização de sistemas de monitoramento em tempo real são fundamentais para identificar vazamentos e ineficiências. O objetivo é evitar fraude, *submedições* e vazamentos, pois, no relativo à última referência, estes são passíveis, também, de causar transtornos urbanos nas vias das cidades, aumentando custos de manutenção de redes e rotas públicas. Em adição, é muito importante atentar para a necessidade de destinar investimentos em tecnologia para, com celeridade, detectar e retirar vazamentos. Ações como esta resultam em redução significativa no desperdício de água, possibilitam maior economia quando das

A eficiência não é uma opção, mas uma necessidade. Integrar essa prática assegura não apenas a sustentabilidade financeira, mas, também, a entrega de serviços de melhor qualidade à população

despesas com manutenção e, conseqüentemente, promovem aumento de confiança e satisfação dos consumidores, com respectiva melhora de imagem das empresas.

Ainda na temática das perdas de água, entretanto, é urgente que o setor logre articular, juntamente com as agências infranacionais, regramento para estabelecer uma uniformidade em relação às metodologias para o cálculo dos índices que mensuram as perdas de água. Basta uma vista d'olhos rápida pelos dados das diversas instituições e agentes atuantes no setor de saneamento para perceber as mais diversas interpretações acerca do que deve definir os índices de perdas.

Sob tal aspecto, é de se reconhecer a iniciativa do governo federal com o Projeto Acertar, ao demandar instituir auditoria e certificação sobre as informações enviadas pelos prestadores de serviços de abastecimento de água e esgotamento

sanitário. Significa demandar por melhores práticas para a gestão das informações, que precisam ser cada vez mais fortalecidas na governança das empresas e dos agentes que operam no setor de saneamento básico, inclusive as agências infranacionais.

Ainda no âmbito da eficiência das empresas de saneamento, a gestão das chamadas ligações ociosas é um ponto crítico que não há de ser excluído deste debate. A expressão, amplamente disseminada no setor de saneamento, refere-se à interligação de imóveis às redes disponíveis, solução que exige esforço conjunto de participação do poder público, uma vez que as companhias de saneamento não possuem *enforcement* para realizar a interligação dos imóveis às redes. Acredita-se que o remédio para esse problema veio com o novo marco legal, pois trouxe a figura da *tarifa da disponibilidade*, no âmbito da qual o munícipe pagará uma tarifa pela disponibilidade da rede pública que passa na sua rua. Isso transporta a se acreditar que esses munícipes vão optar pela interligação à rede pública e utilizar os serviços obrigatórios e essenciais de abastecimento de água e esgotamento sanitário. Isso também reduzirá o gasto financeiro e político dos municípios, pois a estes cumpre fiscalizar e obrigar a interligação.

A eficiência nas companhias de saneamento não é uma opção, mas uma necessidade. Integrar essas práticas em uma abordagem abrangente assegura, não apenas, a sustentabilidade financeira, mas, também, a entrega de serviços de melhor qualidade

à população. No mundo, onde a escassez de recursos é uma realidade, a eficiência é suscetível de ser a chave para a sobrevivência e o êxito desse setor essencial.

Cuida-se de um aspecto crucial para a melhoria dos serviços prestados e, conseqüentemente, com vistas à redução ou mitigação de aumentos tarifários. Num contexto em que as necessidades de abastecimento de água e tratamento de esgoto crescem constantemente, a procura por práticas mais eficientes torna-se uma prioridade estratégica.

Quando as companhias de saneamento adotam tecnologias modernas e processos otimizados, conseguem reduzir custos operacionais, minimizar desperdícios e melhorar a qualidade dos serviços. A implementação de sistemas de monitoramento e controle, por exemplo, possibilita a identificação de vazamentos e falhas nas redes, resultando em menor perda de água e, por conseqüência, em redução dos gastos. Em aditamento, a capacitação contínua dos quadros de funcionários, aliada à adoção de práticas sustentáveis, propicia um ambiente de trabalho mais eficiente e produtivo.

Essas melhorias não só beneficiam diretamente a gestão das empresas, mas, ainda, têm um efeito positivo na tarifa final paga pelos consumidores. Ao conseguir operar de maneira mais eficiente, com certeza, as companhias terão tarifas em níveis mais módicos. Essa realidade é inquestionável em um contexto de muita desigualdade social e em cujo contexto muitos cidadãos já enfrentam dificuldades financeiras.

Ao conseguir operar de maneira mais eficiente, as companhias terão tarifas em níveis mais módicos. Essa realidade é inquestionável em um contexto de muita desigualdade social

Portanto, investir em eficiência e inovação nas companhias de saneamento é uma estratégia essencial para garantir a sustentabilidade financeira desses serviços, assegurando que aumentos tarifários sejam minimizados ou, idealmente, evitados. Essa abordagem não apenas fortalece a confiança da população nas instituições responsáveis, mas também promove um padrão de excelência no atendimento e melhoria da qualidade de vida da comunidade como um todo.

Em suma, ao focar na eficiência, as companhias de saneamento não apenas cumprem seu papel social, especialmente na área da saúde, mas, também, contribuem para um futuro mais equilibrado, oportunidade em que o acesso a serviços essenciais não será comprometido por aumentos excessivos nas tarifas. 

*Neuri Freitas
escreve a cada bimestre.*

